



**DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA
METALINGUÍSTICA NA AQUISIÇÃO
BILINGUE DE PORTUGUÊS EUROPEU E
NEERLANDÊS**

Anouschka Caels

Hanna Batoréo

Anouschka Caels*

Hanna Batoréo**

Desenvolvimento da Consciência Metalinguística na Aquisição Bilingue de Português Europeu e Neerlandês

Development of Metalinguistic Awareness in the simultaneous Bilingual Acquisition of European Portuguese and Dutch

Resumo: O presente estudo, desenvolvido no enquadramento da Psicolinguística e da Aquisição Bilingue da Primeira Infância (BFLA), investiga o desenvolvimento da consciência metalinguística no bilinguismo precoce e na aquisição bilingue simultânea do português e do neerlandês, a partir de um estudo de caso de uma criança, dos 2;4 até os 3 anos de idade. Partindo da premissa de que as crianças que adquirem duas línguas em simultâneo desenvolvem, desde o início do seu desenvolvimento, dois sistemas linguísticos, visamos averiguar em que medida a criança em estudo desenvolve também uma consciência metalinguística que lhe permite distinguir os contextos de uso das línguas em aquisição. Os resultados sugerem que a criança apresenta capacidade para distinguir as duas línguas e que não as confunde. Consideramos que a escolha de língua maioritariamente apropriada num dado contexto, bem como as outras manifestações da atividade metalinguística identificadas no *corpus* evidenciam que a criança possui uma consciência metalinguística quanto ao uso contextualizado das duas línguas. Os dados indicam ainda que a distinção, ou não, entre as línguas e os respetivos contextos de uso não podem ser interpretados apenas como a presença ou ausência de uma consciência metalinguística relativa ao uso distinto das duas línguas. Verificámos que a escolha aparentemente “inapropriada” da língua poderá ser determinada por vários fatores.

* Mestre em PLNM pela Universidade Aberta, Lisboa, Portugal. Este artigo resulta da sua investigação, no decorrer do seu mestrado realizado sob a orientação da Professora Doutora Hanna Batoréo.

** Departamento de Humanidades, Universidade Aberta, Lisboa, Portugal/Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa – CLUNL.

Palavras-chave: Aquisição da Linguagem; Aquisição Bilingue; Consciência Metalinguística; Bilinguismo Português / Neerlandês

Abstract: The present research developed within the framework of Psycholinguistics and Bilingual First Language Acquisition (BFLA) investigates the development of metalinguistic awareness in early bilingualism and in the simultaneous bilingual acquisition of Portuguese and Dutch, based on a case study of a child, aged 2;4 to 3 years old. Starting from the premise that children who acquire two languages at the same time develop two linguistic systems from the very beginning, we aim to find out to what extent the child under study develops a metalinguistic awareness that allows him to distinguish the contexts of use of the languages being acquired. The results suggest that the child is able to distinguish the two languages and does not confuse them. We consider that the choice of mostly appropriate language, as well as the other manifestations of metalinguistic activity identified in the corpus, show that the child has a metalinguistic awareness regarding the contextualized use of the two languages. The data also indicate that the distinction (or not) between languages and the respective contexts of use cannot be interpreted only as the presence, or absence, of a metalinguistic awareness regarding the distinct use of the two languages. We found that the apparently “inappropriate” choice of language could be due to several factors.

keywords: Language Acquisition; Bilingual Acquisition; Metalinguistic Awareness; Portuguese / Dutch Bilingualism.

1. Introdução

O presente artigo tem por base Caels (2020), investigação sobre o desenvolvimento da consciência metalinguística na aquisição bilingue de português e de neerlandês e realizada a partir de um estudo de caso de uma criança, dos 2;4 até os 3 anos de idade, por meio da observação, descrição e análise das produções linguísticas, nos vários contextos de interação do seu dia a dia.

Partindo da premissa de que as crianças que adquirem duas línguas em simultâneo desenvolvem dois sistemas linguísticos independentes (Genesee, 1989; Meisel, 1989; De Houwer 1990), a investigação pretendeu averiguar em que medida a criança em estudo desenvolve uma consciência metalinguística que lhe permite distinguir os contextos de uso das línguas em aquisição. A partir do objetivo delineado, o estudo orientou-se pelas seguintes questões de investigação: i) A criança em estudo sabe distinguir os contextos de uso do português e do neerlandês?; ii) Qual é a língua que a criança elege para comunicar com os seus interlocutores?; iii) A língua escolhida pela criança coincide com a língua de comunicação assumida pelo(s) interlocutor(es)?; iv) Outras manifestações da atividade metalinguística relativa ao uso dos dois idiomas podem ser identificadas nas produções linguísticas da criança?

2. Fundamentação Teórica

A investigação foi orientada pelos princípios teóricos da Psicolinguística (Gombert, 1992; Batoréo, 1989, 2000, 2009, 2011 e 2013) e da Aquisição Bilingue da Primeira Infância (*BFLA*) (De Houwer, 1995, 1998 e 2009; Meisel, 1989, 2001 e 2007; Genesee, 1989). Assim, a presente secção incide na explicitação de dois conceitos fundamentais para o nosso estudo, designadamente o Bilinguismo e a Consciência Metalinguística. Abordaremos, igualmente, a relação entre a aquisição bilingue e o desenvolvimento da consciência metalinguística.

2.1 Bilinguismo

O Bilinguismo é um conceito abrangente e dinâmico, que tem mudado ao longo dos anos, pelo que não encontramos na literatura uma definição única.

Na perspetiva advogada por Grosjean (1982: 51), é bilingue o indivíduo que no seu dia a dia usa duas (ou mais) línguas, ou seja, que possui competência linguística em ambas as

línguas. Apesar de essa competência poder ser diferente nas duas línguas, por ter sido adquirida em idades e de forma diferentes, é condição necessária para uma aquisição bilingue a exposição sistemática a duas línguas diferentes, que torne a construção do conhecimento linguístico possível (Flores e Almeida, 2017: 275). Considerando as características sociolinguísticas da informante do presente estudo, importa destacar aqui a aquisição de duas línguas que ocorre em contexto bilingue, logo na infância.

A aquisição bilingue durante a infância tem sido alvo de um interesse crescente por parte da comunidade científica, sobretudo nas últimas três décadas, De Houwer (1995: 219). As investigações desenvolvidas têm demonstrado que o processo de aquisição de duas línguas na infância se assemelha à aquisição e desenvolvimento monolíngue (Genesee, 1989, Meisel, 1989).

Apesar de encontrarmos, na literatura, consenso quanto ao significado de aquisição bilingue, que se refere à aquisição de duas línguas durante a infância, não existe unanimidade na categorização tipológica do fenómeno, isto é, no que diz respeito à ordem e à idade em que aquisição ocorre. Tradicionalmente, quanto à ordem em que ocorre a aquisição das duas línguas, o bilinguismo tem sido dividido entre bilinguismo simultâneo e bilinguismo sucessivo. Esta distinção, com base na cronologia da exposição, foi proposta por McLaughlin, em 1978 (cf. Deuchar e Quay, 2001: 1). Para este autor, a aquisição simultânea das duas línguas verifica-se quando a criança é exposta às duas línguas antes do terceiro aniversário e a aquisição sucessiva às situações em que a exposição à segunda língua ocorre depois desta idade. Conforme refere De Houwer (1995:2), alguns investigadores, como Taeschner (1983), seguiram a proposta de McLaughlin. Outros, nos quais De Houwer também se inclui, como Padilla and Lindholm (1984), consideram a primeira categoria demasiada arbitrária e abrangente.

De Houwer, no seu estudo *The Acquisition of Two Languages From Birth: A Case Study* (1990), retomou a noção de aquisição de duas línguas maternas, introduzida por Meisel (1989), designada *Bilingual First Language Acquisition (BFLA)*, e propôs a aplicação do termo às situações em que a exposição às duas línguas acontece de forma simultânea desde o nascimento, com uma diferença máxima de uma semana entre a exposição à língua A e à língua B, e com uma exposição praticamente diária a ambas as línguas (De Houwer, 1990: 3). Mais tarde, De Houwer (1995) deixa, contudo, de considerar a diferença máxima de apenas uma semana entre a exposição às duas línguas maternas (2L1) e refere que relativamente ao primeiro contacto com cada língua não deverá existir diferença cronológica.

No nosso trabalho, em que observámos as produções espontâneas de uma criança bilingue de neerlandês e português, o termo aquisição bilingue é usado para nos referirmos à exposição, de forma regular, a duas línguas da criança em estudo, a partir do terceiro mês de vida em diante (cf. De Houwer 1990, 1995).

A Aquisição Bilingue da Primeira Língua - *BFLA*, enquanto área de investigação, posiciona-se na interseção entre os estudos da Aquisição e Desenvolvimento e Linguagem e do Bilinguismo (De Houwer, 1998: 250). Os estudos centram-se essencialmente nos primeiros três anos do desenvolvimento linguístico da criança bilingue, focando diversas questões, como, por exemplo, i) a representação dos dois sistemas linguísticos na mente da criança (hipótese de ‘um sistema linguístico unitário’, de Volterra e Taeschner (1978) *vs.* hipótese de ‘dois sistemas linguísticos diferenciados’, de Genesee (1989), Meisel (1989) e De Houwer (1990)); ii) a escolha da língua pela criança bilingue e iii) transferência interlinguística ou alternância de códigos (*code-switching*).

2.2. Consciência Metalinguística

O conceito de consciência metalinguística tem sido abordado por uma pluralidade de investigações, tendo sido definido sob perspetivas terminológicas diversas e nem sempre coincidentes.

Uma análise às duas componentes que integram a expressão, e que apontam, cada uma individualmente, para significados diversos, ajuda a entender melhor a aceção deste conceito teórico complexo. Temos, por um lado, o substantivo “consciência”, que traduz uma atividade mental, isto é, um “conhecimento”, uma “reflexão”. Por outro lado, o adjetivo “metalinguística”, formado pelo prefixo «meta-», que deriva do grego *metá*, e que exprime a noção de “para além de”, “de nível superior”, remete para algo que está para além, que transcende a linguística, enquanto objeto de reflexão. O significado global denota uma consciência de nível superior acerca da língua e da linguagem, implicando a capacidade de reflexão acerca da mesma (Pinto e Figueira, 2018).

Pratt e Grieve (1984: 2), reconhecendo a dificuldade em apresentar uma definição mais específica de consciência metalinguística pelo facto de alguns aspetos como a natureza, funções, e idade do seu aparecimento ainda serem objeto de discussão, definem-na genericamente como a capacidade para pensar e refletir sobre a natureza e funções da linguagem. Malakoff (1992), citado por Pinto e Figueira (2018: 34), acrescenta que a

consciência metalinguística possibilita o falante de “recuar a partir da compreensão ou produção de uma frase para poder considerar a forma e estrutura”.

Uma das principais razões que estão na origem da dificuldade em estabelecer uma definição, deve-se, de acordo com Pratt e Grieve (1984: 2), ao facto de a Psicologia, bem como as outras disciplinas, ainda não terem estabelecido uma definição do próprio conceito de consciência, ou seja, de não haver ainda clareza quanto aos diferentes tipos e níveis de consciência, nem como estes se relacionam com os diferentes graus de consciência.

Também em relação ao termo “metalinguística” não existe uma definição unânime (Barbeiro, 1999: 19). O campo concetual deste adjetivo abrange diferentes áreas do saber. Segundo a perspectiva Linguística: o termo estará sempre relacionado com metalinguagem, aplicando-se às atividades em que a própria linguagem é o objeto do discurso. No âmbito da Psicolinguística, o termo é mais abrangente. Aqui, envolve todas as manifestações de reflexão sobre a linguagem, com os processos cognitivos nelas implicados. Segundo Gombert (1992: 4), esta distinção terminológica é determinante; e o que diferencia, na realidade, uma manifestação linguística de uma manifestação metalinguística é a natureza reflexiva da atividade cognitiva: a consciência.

No âmbito do nosso estudo, em que pretendemos verificar em que medida a criança bilingue desenvolve uma consciência metalinguística que lhe permite distinguir o contexto de uso das duas línguas a que é exposta, adotámos a perspectiva psicolinguística de consciência metalinguística. Deste modo, consideramos a consciência metalinguística como a manifestação de reflexão e controlo deliberado sobre a linguagem e a sua escolha e uso adequados de acordo com o(s) interlocutor(es) e o contexto linguístico.

Durante a infância, a consciência metalinguística pode manifestar-se nos vários domínios da linguagem. Assim, temos, por exemplo, a consciência metafonológica, a consciência metassintática, e a consciência metassemântica.

Diversas questões em torno do desenvolvimento da consciência metalinguística se têm levantado, como, por exemplo, como e quando se desenvolve, qual a sua relação com o desenvolvimento cognitivo, e como se manifesta e como se relaciona com o processo de aquisição da linguagem. São várias as posições teóricas que têm procurado responder a estas questões.

A questão relacionada com a altura em que a criança desenvolve a consciência metalinguística é controversa e tem originado opiniões divergentes. Assim, os teóricos que advogam *The Interaction Hypothesis* defendem que o início do desenvolvimento da consciência metalinguística ocorre cedo, por volta dos dois anos de idade, acompanhando

progressivamente o próprio processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem (Clark, 1978; Marshall e Morton, 1978). Por outro lado, para os que defendem a denominada *Autonomy Hypothesis*, não existe nenhuma interação entre o desenvolvimento linguístico e metalinguístico, ocorrendo cada um de forma independente, entre os cinco e os oito anos de idade (Gombert, 1992; Tunmer e Herriman, 1984; Van Kleeck, 1982). Ainda outros autores consideram que o desenvolvimento da consciência metalinguística é essencialmente o resultado da instrução formal e sistemática, isto é, em contexto escolar, com a aprendizagem da escrita e da leitura (Donaldson, 1978; Titone, 1988; Valentin, 1984, cf. Barbeiro, 1999: 49).

2.3. Aquisição Bilingue e o Desenvolvimento da Consciência Metalinguística

Várias são as vantagens cognitivas que têm sido atribuídas à aquisição bilingue, sobretudo no que diz respeito “aos aspectos de metaprocessamento da informação cognitiva e linguística.”, (Sim-Sim, 1998: 221). Nas últimas décadas, vários trabalhos científicos têm vindo a ser desenvolvidos para investigar a relação entre o bilinguismo e a consciência metalinguística e dos efeitos que esta condição linguística exerce sobre o desenvolvimento da consciência metalinguística. Os estudos têm demonstrado que a criança bilingue parece dispor de vantagens no desempenho metalinguístico, desenvolvendo uma maior consciência metalinguística e mais cedo comparativamente ao seu par monolíngue. Nesta perspectiva, Sim-Sim (1998: 221) refere que a criança bilingue apresenta “uma maior capacidade para atribuir diferentes rótulos à mesma realidade, possui maior facilidade em aprender e jogar com palavras sem sentido” e revela uma “maior acuidade em descobrir relações semânticas entre palavras e em detectar e corrigir erros sintáticos”. A autora acrescenta ainda que, tendo em conta que a criança bilingue é “confrontada precocemente com maneiras diferentes de transmitir exactamente a mesma mensagem”, a sua “consciência da arbitrariedade lexical e das representações estruturais de língua parece surgir mais cedo”. Perante a necessidade de automatizar “as estratégias de processamento para diferenciar as duas línguas”, a criança bilingue presta uma maior “atenção à forma linguística”, tratando precocemente “a língua como objeto de análise”.

Os resultados de vários estudos desenvolvidos revelam que as primeiras evidências da consciência metalinguística surgem numa fase ainda muito precoce do desenvolvimento da linguagem das crianças que estão expostas a mais do que um sistema linguístico,

nomeadamente por volta dos dois anos de idade (Clark, 1978; Slobin, 1978; Vihman, 1985; Döpke, 1992; Lanza, 1997; Moreno-Zazo, 1998; Mishina-Mori, 2004).

É no contexto de debate em torno da relação entre a experiência bilingue e o desenvolvimento da consciência metalinguística que o nosso estudo se posiciona. Pretendemos, a partir do nosso estudo de caso, que será apresentado na próxima secção, apresentar evidências da relação entre essa condição linguística e o desenvolvimento da consciência metalinguística, que capacita a criança para a distinção dos diferentes contextos de uso das duas línguas em aquisição.

3. Metodologia

Por forma a poder responder à questão de partida, este trabalho foi suportado por um estudo de caso, que foi desenvolvido sobretudo com base na análise qualitativa de um *corpus* de produções espontâneas de uma criança em fase de aquisição bilingue de português e de neerlandês. Em complemento, também alguns dados foram analisados quantitativamente.

O estudo de caso tem sido um dos métodos mais utilizados nos trabalhos que se têm dedicado ao estudo da aquisição simultânea de duas línguas (Flores e Almeida, 2017: 278). Conforme refere Batoréo (2013: 21), o principal objetivo dos estudos de caso em aquisição bilingue é “explorar as implicações para a teoria linguística”, alguns para a teorização da aquisição da linguagem em geral, e outros para a teorização da aquisição bilingue em particular.

A criança, referida no estudo como P, é do sexo feminino e nasceu na Bélgica, em 20 de novembro de 2015, numa família constituída por pai, mãe e uma irmã quatro anos mais velha. No final de fevereiro 2016, a família de P emigrou para Portugal, com o objetivo de residir de forma permanente nesse país. P tinha, na altura, três meses e alguns dias de vida.

Desde então, o contacto que P tem com ambas as línguas é diário. No seio da família, P é exposta ao neerlandês, sendo essa a língua falada entre os quatro membros da família, em casa, assim como nos momentos de convívio com outros familiares e amigos de origem belga. Fora de casa, na creche, nas compras e em momentos de convívio com e na presença de elementos portugueses da família e com os vizinhos, P é exposta ao português. Na interação com falantes de português, P ouve os pais, a irmã e os elementos da família residentes em Portugal falarem o português.

Para a recolha de dados das produções linguísticas da criança em estudo, foram considerados os vários espaços / contextos de interação do seu quotidiano: casa, creche, convívio familiar em Portugal, convívio familiar na Bélgica. Para tal, recorreu-se à observação direta intensiva sob a forma de gravação áudio, tendo sido realizadas também algumas gravações vídeo. Através da observação direta, sem recorrer à elicitación da produção, pretendemos recolher dados de fala espontânea, em ambiente naturalístico. Todas as gravações áudio / vídeo para este estudo foram realizadas com recurso ao gravador de voz disponível no telemóvel.

No total, foram recolhidas 75 gravações, durante oito meses, de abril a novembro de 2018, que correspondem a 11 horas e 37 minutos de gravação. A recolha das produções linguísticas foi realizada por três pessoas diferentes, respetivamente a mãe, a educadora e a tia – a autora do trabalho, assegurando, assim, o registo dos vários espaços / contextos de interação sociolinguística da criança e a observação do seu uso diferenciado ou não das duas línguas de acordo com o contexto / interlocutor.

Da totalidade de gravações recolhidas, foi efetuada uma seleção das interações para análise, a constituição do *corpus*, que envolveu a seleção de uma parte dos dados de fala para transcrição e posterior análise, num total de 35 fragmentos de diálogo, distribuídos de forma uniforme ao longo dos oito meses em que as recolhas foram realizadas. Esta seleção foi feita por forma a garantir um número suficientemente representativo de produções linguísticas da criança em estudo (Viana et al, 2017: 339, 340), levando em consideração as orientações de Batoréo (2000:575), que refere que, “para o texto oral ser representativo”, “é preciso juntar uma série de textos, reunidos segundo critérios previamente estabelecidos e diferenciados em função do objetivo que se pretende alcançar num dado estudo particular”. Deste modo, procurou-se selecionar produções linguísticas para cada contexto linguístico, sendo que o mesmo é aqui determinado pela(s) língua (s) faladas pelo(s) interlocutor(es) com a criança (Deucher e Quay, 2000:18), para constituir o *corpus* para desenvolver o estudo. Deste modo, consideraram-se, para o contexto monolíngue de português, 12 fragmentos de diálogo, todos recolhidos pela educadora na creche. Para o contexto de neerlandês, foram selecionados 20 episódios dialógicos. Integram ainda o *corpus* 3 interações referentes ao contexto em que ambas as línguas são faladas, sendo que, aqui, parte dos adultos se dirige à criança em neerlandês e parte em português.

Após a recolha e compilação das produções linguísticas, procedeu-se à preparação dos dados para análise. Tendo em conta que trabalhámos com produções orais espontâneas, as mesmas tiveram de ser transcritas para a constituição do nosso *corpus*. A transcrição das

produções foi feita de acordo com as orientações de Ramilo e Freitas (2001). Com as necessárias adaptações ao nosso estudo, optámos por seguir as convenções usadas pelo REDIP²⁷, uma vez que consideramos que as mesmas se adequavam aos objetivos do nosso estudo.

Tendo este trabalho como objetivo averiguar até que ponto uma criança bilingue desenvolve uma consciência metalinguística que lhe permite distinguir o contexto de uso das duas línguas a que é exposta; isto é, que lhe permite usar apropriadamente as línguas de acordo com os diferentes interlocutores, foi necessário demarcar uma unidade dentro das produções linguísticas da criança que nos possibilitasse proceder à sua medição, isto é, à sua análise. Neste sentido, o enunciado foi a unidade de análise escolhida para desenvolver o presente trabalho. No nosso trabalho, definimos o enunciado como sendo uma unidade discursiva realizada oralmente, numa interação dialógica. Para a análise destas unidades, teremos sempre em conta o contexto em que as mesmas são realizadas.

O *corpus* que serve de base empírica para o desenvolvimento do presente estudo compreende, ao todo, 426 enunciados linguísticos produzidos pela criança. De acordo com o modelo de categorização proposto por De Houwer (1998; 2009), os enunciados de fala apresentam a seguinte distribuição:

Enunciados produzidos pela criança em estudo	número
Neerlandês - (LA)	220
Português - (L α)	188
Mistos - (LA + L α)	14
Indeterminados	4
Total	426

Quadro: 3 - Distribuição dos enunciados produzidos conforme categorização proposta por De Houwer (1998; 2009)

Em função dos objetivos delineados, foram identificados os enunciados que revelam o desenvolvimento da consciência metalinguística por parte da criança em estudo. A apresentação e análise dos enunciados segue-se no próximo capítulo.

²⁷ REDIP - Rede de Difusão Internacional do Português: rádio, televisão e imprensa, projeto que teve como objetivo a criação de um corpus de registos discursivos dos meios de comunicação social portugueses (rádio, televisão e imprensa)

4. Apresentação e Análise dos Dados

O enfoque deste estudo de caso consistiu em averiguar se, e até que ponto, a criança bilingue sob observação é capaz de distinguir os contextos de uso das duas línguas a que é exposta, assim dando evidência do desenvolvimento da sua consciência metalinguística. Pretendeu-se, também, verificar se esta mesma consciência se manifesta por outras vias.

A presente secção encontra-se dividida em três subsecções, sendo que, na primeira (4.1.), faremos a descrição e a análise dos dados linguísticos referentes à escolha do uso das línguas pela criança. Seguidamente, na segunda (4.2.), será feita a descrição e a análise de outras manifestações do desenvolvimento da consciência metalinguística identificadas no *corpus* e que evidenciam a capacidade para distinguir os contextos de uso das duas línguas em aquisição. Na terceira subsecção (4.3), abordaremos o papel do adulto em ajudar a criança a distinguir os contextos de uso, com a respetiva descrição e análise de dados referentes às estratégias de discurso a que recorre.

4.1. A escolha da língua pela criança

Os resultados gerais quanto à escolha da língua por parte da criança, independentemente de se tratar de interações comunicativas em português ou em neerlandês, encontram-se reproduzidos no Quadro 4.1. Sobressai desta tabela o facto de as escolhas da criança corresponderem, na grande maioria dos casos (82%) à língua utilizada pelos interlocutores.

Enunciados produzidos	Total	%
Corresponde à língua falada pelo interlocutor	350	82
Não corresponde à língua falada pelo interlocutor	76	18
Total	426	100

Quadro: 4.1 - Dados gerais da língua escolhida pela criança

Este deve ser considerado o primeiro dado fundamental do presente estudo, na medida em que a escolha apropriada da língua para interagir com os interlocutores traduz a capacidade de distinção entre os contextos de uso do neerlandês e do português, por parte da criança.

Estes dados empíricos, recolhidos no período entre os 2;4.17 e os 3 anos de idade da criança, são consistentes com as investigações em bilinguismo simultâneo desenvolvidas a partir dos anos 90, que têm demonstrado que a criança apresenta evidências de saber escolher apropriadamente entre o uso de uma língua ou de outra em função da língua falada pelo seu interlocutor por volta dos dois anos de idade (De Houwer, 1990; Genesee, Nicoladis e Paradis, 1995; Lanza, 1997; Deuchar e Quay, 2000; Meisel, 2001).

De forma mais específica, também os resultados referentes às escolhas da língua pela criança, em função dos vários contextos, indicam que a língua escolhida pela criança corresponde, na maioria dos casos, à língua falada pelo interlocutor.

	Língua A (NL)		Língua Alpha (PT)		Língua A + Língua Alpha		Língua indeterminada	
	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%
Contexto de PT	1	1%	117	97%	3	2%	0	0%
Contexto de NL	217	74%	63	22%	10	3%	4	1%
Contexto onde se fala PT e NL	2	14%	8	72%	1	14%	0	0%
Total enunciados	220		188		14		4	

Quadro 4.2 - Língua escolhida pela criança, em função do contexto

Como ilustra o Quadro 4.2, para o contexto monolíngue de português, que, no nosso *corpus*, corresponde às interações recolhidas na creche, a escolha da língua pela criança coincide, praticamente em todos os casos (97%), à língua falada pelo interlocutor. Estes resultados vão ao encontro do que defende De Houwer (1990: 90) quando refere que a escolha “inapropriada” da língua efetuada pela criança bilingue para interagir com falantes monolíngues é rara, uma vez que, no geral, ela procura optar pela língua que, à partida, sabe que o seu interlocutor vai entender.

Quanto ao contexto de neerlandês, e tendo verificado através dos resultados obtidos, que a escolha da língua pela criança não corresponde à língua falada pelo interlocutor em alguns casos (25%), procurámos encontrar algumas explicações para justificar a escolha aparentemente “inapropriada” do português, neste contexto linguístico.

Observámos, deste modo, que um dos fatores que poderá influenciar as escolhas linguísticas da criança em estudo, nos contextos de interação em neerlandês, se prende com o próprio perfil linguístico dos interlocutores e com a heterogeneidade das situações de interação. A conjugação destes dois aspetos, por si só complexos, implica que a gestão da escolha da língua pela criança é feita não apenas em função do interlocutor, mas também em função das próprias circunstâncias em que a interação ocorre. A criança terá de aprender a ajustar a escolha da língua de acordo com a interação de comunicação em que se encontra,

adequando, ao mesmo tempo, a sua escolha linguística à língua falada por cada interlocutor. Terá de aprender também que existe uma diferença significativa entre falantes monolíngues e falantes bilíngues, e que mesmo entre estes existem diferenças na proficiência das línguas (cf. De Houwer, 2009: 145).

A transferência interlinguística, também conhecida pela alternância de códigos, é outra das razões que poderá explicar o uso do português nas várias interações em contexto exclusivo de neerlandês. O recurso a este processo tipicamente bilingue, através do qual o falante alterna entre as duas línguas, combinando elementos (fonológicos, lexicais e morfossintáticos) de ambas, no mesmo enunciado ou na mesma interação comunicativa, poderá ser motivado por diversos factores (Radford, Kupisch, Koppe e Azzaro 2007: 254). Um dos motivos pelos quais a criança recorre a uma palavra da outra língua é por não saber ou por não se lembrar de determinada palavra, isto é, quando apresenta uma falha ou desconhecimento lexical na língua-alvo. De acordo com esta hipótese, designada de *Lexical Gap Hypothesis*, inicialmente formulada por Lindholm e Padilla (1978: 332), a criança “mix when they do not know the corresponding word in the other language”. Neste âmbito, considerámos, por exemplo, as produções, em português, de certas sobregeneralizações, como o vocábulo “piu-piu”. A preferência de certas palavras de uma língua em relação ao correspondente da outra língua poderá constituir outra razão pela qual a criança usa o português, nos contextos de interação em neerlandês. Na literatura, a preferência lexical é apontada como uma das motivações para a alternância de códigos, mesmo quando o equivalente existe (Huerta, 1977: 37). Neste contexto, consideramos, entre outras, a “inserção” de alguns vocábulos / expressões associadas às rotinas vividas na creche, para dar conta de vivências / aprendizagens aí ocorridas; processadas precisamente nessa língua, como, por exemplo, os vocábulos associados à rotina de dormir a sesta, como “oó” e “chucha”.

Por fim, verificámos que a escolha de língua pela criança é determinada ainda pelo seu próprio papel nas interações, isto é, conforme se trate da produção de uma iniciativa ou de uma resposta. Da análise aos enunciados, constatamos que P observa melhor a língua de comunicação nas respostas, ou seja, nas situações em que a escolha da língua é feita com base num estímulo linguístico, quer dizer, o enunciado produzido pelo interlocutor. Após termos examinado a escolha espontânea da criança, observámos ainda as suas escolhas da língua em função da atitude do interlocutor, nas situações em que este se manifesta perante a não observação da língua de comunicação. Tendo observado que P nem sempre procede à correção do uso da língua, em resposta a uma reação do interlocutor, consideramos que, à

semelhança do que acontece no processo de aquisição e desenvolvimento monolíngue, também na aquisição bilingue a criança passa por uma fase em que não é necessariamente sensível a correções, pelo que não reage positivamente a estas reações do interlocutor.

Identificou-se ainda, conforme se pode observar no Quadro 4.2, o contexto em que ambas as línguas são faladas, isto é, parte dos interlocutores dirige-se à criança em neerlandês e parte em português. Apesar de para este contexto linguístico em particular, não dispormos de dados estatisticamente relevantes, uma vez que, para a realização do presente estudo, não foi possível recolher, de forma equitativa, registos para todos os contextos de interação, consideramos, ainda assim, que os mesmos são relevantes. Assim, de uma forma geral, os dados recolhidos sugerem que P sabe adequar a língua ao falante, seja ele bilingue de neerlandês e português, caso em que opta pelo neerlandês, seja monolíngue português, caso em que opta pelo português.

4.2. Outras Manifestações da Atividade Metalinguística no *corpus*

Na presente secção, apresentamos e analisamos os dados qualitativos relativos a outras manifestações da atividade metalinguística identificados no nosso *corpus* e da forma de como este fenómeno pode contribuir para distinguir o contexto de uso das duas línguas em aquisição. Assim, foram consideradas como manifestações metalinguísticas as correções, tanto à sua própria produção verbal, como à produção linguística dos outros; a associação entre a língua e o interlocutor, que corresponde à capacidade de decidir qual das línguas deve ser usada com determinado falante; e os comentários explícitos sobre questões de uso das línguas e sobre os respetivos interlocutores, isto é, sobre a adequação pragmática de certos itens lexicais.

Desde muito pequenas, as crianças corrigem a sua própria fala e a fala dos outros de forma espontânea ou quando solicitado por outros. Com o objetivo de transmitir uma mensagem e de se fazerem entender junto do seu interlocutor, as crianças modificam ou ajustam a sua pronúncia, corrigem a escolha lexical e modificam as frases em termos sintáticos (Clark, 1978: 22-24). Este processo implica uma capacidade de reflexão e manipulação sobre o produto verbal.

Conforme refere Martins (2008: 125), as manifestações de autocorreção e heterocorreção são indicativos da presença de um mecanismo de *monitoring*, que é ativado ainda numa fase muito precoce do processo de aquisição bilingue, e que capacita a criança na sua escolha dos recursos verbais.

Uma vez que a autocorreção entre as línguas pode constituir um indicador indireto de dominar, ou não, os contextos de uso para cada uma, procedemos à identificação das mesmas presentes no nosso *corpus*. Para tal, adotamos a definição estabelecida por De Houwer (1990: 310-319). Assumimos como autocorreção qualquer iniciativa em que a criança procede a alterações na sua própria produção linguística, com o objetivo de melhorá-la e adequá-la ao contexto de interação.

Verificámos que estes comportamentos autocorretivos se registam em situações em que a criança emenda o seu discurso quando aparentemente constata que o idioma por si usado não se adequa ao contexto de interação em que se encontra, como podemos observar no exemplo em (1).

(1)

	P		Mãe
		41.	Gaat die ook slapen? <i>(Também vai dormir?)</i>
42.	Ja. <i>(Sim.)</i>		
43.	Oó, <i>caiu.</i>		
		44.	Ja. <i>(Sim.)</i>
45.	Gevallen. <i>(Caiu.)</i>		

(INT9_NL_27MAI2018_VID_IDADE: 2;6.07)

Neste fragmento, retirado de uma interação em neerlandês, entre a mãe e a criança, que está a brincar com os bonequinhos da *Playmobil*, observamos que esta, logo após ter produzido um enunciado em português (*caiu*), procede à repetição da mesma forma verbal (*gevallen*), mas em neerlandês, revelando assim uma sensibilidade à adequação da língua ao contexto de interação, isto é, à língua falada pelo seu interlocutor.

A associação entre a língua e o interlocutor corresponde à capacidade de decidir qual das línguas presentes no ambiente de *input* deve ser usada com determinado interlocutor. Relativamente a esta manifestação metalinguística, consideramos que ela é verificada, de forma geral, em todas as situações enunciativas em que a escolha de língua por P corresponde à língua falada pelo interlocutor, isto é, em todas as situações em que faz adequadamente a associação entre a língua e o respetivo interlocutor. De forma particular, é verificada nos momentos em que P opta espontaneamente pelo recurso linguístico apropriado, quando está na presença de falantes bilingues e de falantes monolíngues de português, adequando o uso da língua a cada interlocutor. O fragmento (2) é exemplo desta situação:

(2)

	P		Tio
		1.	Não me dá 5?
2.	("dá 5")		

3.	Tchau, Tchau! (virando-se para o tio)		
4.	Daag. Daag. T. (virando-se para a prima bilingue português-neerlandês)		

(INT29_NL&PT_13OUT2018_AUD_IDADE: 2; 10.23)

Este exemplo foi extraído de uma interação comunicativa em que P se despede do tio, falante monolíngue de português, e da prima T, falante bilingue de neerlandês e português, mas com quem tem por hábito falar em neerlandês. Presentes no momento estão também a mãe e a irmã de P, falantes de neerlandês. Para se despedir do tio, P usa o português e, para se despedir da prima, usa o neerlandês.

Os comentários explícitos sobre as propriedades e usos das línguas, designadas de “metalinguistic statements” por de Houwer (1990: 325), são considerados umas das manifestações de referência da atividade metalinguística registrada em idade precoce (Martins, 2008: 138) e correspondem a observações concretas sobre as estruturas ou os usos linguísticos. A maioria das verbalizações metalinguísticas registradas na literatura incide sobre a palavra e têm por alvo a sua adequação pragmática ou a sua estrutura em termos fônicos ou morfológicos, mas podem também incidir sobre outros aspetos da língua. As verbalizações explícitas sobre a linguagem têm sido consideradas as manifestações metalinguísticas por excelência uma vez que testemunham a capacidade de produzir “enunciados que descrevam ou comentem a linguagem enquanto tal, tomando-a como objecto referencial” (Martins, 2008: 138). Neste contexto, salienta-se, como atividade diretamente decorrente da sua condição bilingue, as verbalizações explícitas sobre o uso do advérbio “sim”, em português, e “ja”, em neerlandês, como exemplificado no seguinte fragmento (3):

(3)

	P		Educadora
		24.	Queres ir à rua P?
25.	Sim.		
		26.	Sim. Olha, P, é “ja”?
27.	É sim, sim!		
		28.	Ah, é sim, sim. Está bem.
29.	Mamã é “ja, ja”.		
		30.	Ah, com a mamã é “ja, ja”. Muito bem.

(INT13_PT_08JUN2018_AUD_IDADE: 2; 06.17)

Este exemplo, produzido com a idade de 2; 06. 17, revela, de forma evidente, a capacidade de P para explicitar o uso do referido item adverbial, em cada um dos contextos linguísticos. Assim, P, após responder à educadora que “sim, sim” é usado no contexto em que se encontra no momento da enunciação, isto é, português, toma a iniciativa e comenta, de forma espontânea, que “ja, ja”, em neerlandês, é utilizado com a mamã.

A atividade metalinguística dos comentários explícitos sobre os usos das línguas evidencia também o exercício de categorização por parte da criança, que traduz a construção de um sistema mental, baseado em características, em função do contexto e/ou da pessoa. Este sistema mental, que lhe permite decidir que língua usar, quando/onde e com quem, assenta na organização, ou seja, na categorização das pessoas em função das línguas que falam, isto é, em função da língua que a criança associa à pessoa, determinada pelo seu perfil linguístico e/ou atitudes linguísticas, que confere sentido ao seu mundo. No diálogo em apreço, P categoriza a mãe, associando a ela o advérbio “ja”, dando, assim, a entender que, aos olhos dela, a interação com a mãe requer o uso do neerlandês.

4.3. O papel do interlocutor nas escolhas linguísticas da criança

Tendo-se verificado que a escolha de uso da língua pela criança em estudo não corresponde à língua falada pelo interlocutor, em 18% dos enunciados produzidos, no geral, e em 25% dos enunciados produzidos em contexto exclusivo de neerlandês, em particular, observámos que o interlocutor manifesta reações diferentes perante o uso “errado” da língua pela criança, adotando diversas estratégias de interação.

Por conseguinte, com base na categorização de estratégias de discurso proposta por Lanza (1997: 262), adaptada por De Houwer (2009: 134, 135), e com as necessárias adaptações às diferentes reações manifestadas pelos interlocutores no nosso estudo, identificamos e contabilizamos as várias estratégias utilizadas pelos interlocutores, quando a criança não respeita a língua de comunicação, conforme plasmadas no Quadro 4.3. Em função das diversas estratégias utilizadas pelo interlocutor, olhámos, ainda, para as escolhas

linguísticas da criança, em resposta a estas reações, tendo feito igualmente o respetivo cômputo, conforme também discriminadas no Quadro 4.3²⁸.

Estratégias de discurso monolíngue <-----> Estratégias de discurso bilingue							
correção explícita	compreensão mínima		Suposição expressa	repetição	prosseguir	mudança de língua	
	Pedido explícito de tradução	Pedido de esclarecimento					
4%	6%	8%	12%	34%	36%	0%	
As reações de P perante as Estratégias de Discurso do Interlocutor							
P procede à alteração da escolha da língua	100%	50%	0%	75%	80%	38%	0%
P não procede à alteração da escolha da língua	0%	50%	0%	25%	20%	62%	0%

Quadro 4.3 - Estratégias de Discurso do interlocutor quando P não respeita a língua de comunicação e respetivas reações de P

De acordo com a proposta de Lanza (1997: 262-268), os diferentes tipos de estratégias de discurso utilizadas pelo interlocutor posicionam-se num *continuum*, estando ordenadas do modo mais monolíngue, do lado esquerdo, para o modo mais bilingue, do lado direito. Nesta escala, as estratégias de discurso monolíngue (*Monolingual discourse strategies*) visam negociar um contexto monolíngue e manter as interações em apenas uma língua. Com as estratégias de discurso bilingue (*Bilingual discourse strategies*), por outro lado, as interações podem ser mantidas em duas línguas em simultâneo, ou passar do uso de uma língua para a outra.

Destacaremos, aqui, uma das estratégias manifestada pelos interlocutores quando a criança não respeita a língua de comunicação, que ocorre com mais frequência no *corpus*, nomeadamente a repetição. No total, a repetição é registada em 34% das reações manifestadas pelo interlocutor.

A estratégia da repetição consiste em responder ao enunciado produzido pela criança através da repetição e, por vezes, também da reformulação do mesmo, mas na outra língua, em tom afirmativo. Esta estratégia não requer nenhuma resposta ou clarificação por parte da criança, pelo que o seu uso, conforme refere Lanza (1997: 265), é menos direcionado para a negociação de um contexto monolíngue. A criança pode, contudo, responder através da

²⁸ A tradução das designações das cinco estratégias de discurso é da nossa autoria.

repetição do enunciado produzido pelo interlocutor, na língua apropriada ao contexto de interação, o que, no caso dos dados por nós recolhidos, se regista em 80% das situações, conforme ilustrado no exemplo (4):

(4)

	P		MÃE
46.	Olha, olha!		
		47.	Oh, kijk! <i>(Oh, olha!)</i>
48.	Oh, kijk, vos! <i>(Oh, olha, a raposa!)</i>		

(INT24_NL_10SET2018_AUD_IDADE: 2; 9.21)

Perante o enunciado produzido em Língua α , “Olha, olha,” ao observar uma imagem de uma raposa no livro, a mãe utiliza a estratégia da repetição “Oh, kijk!” (Oh, olha!); devolvendo-lhe o enunciado equivalente em Língua A. P, por sua vez, repete e acrescenta um vocábulo “Oh, kijk, vos!” (Oh, olha, a raposa!). A repetição por parte da criança poderá ser interpretada como um reconhecimento da estratégia utilizada pela mãe, como reparo ao seu enunciado, que providencia informação metalinguística (Schachter, 1986, *apud* Lanza, 1997: 265).

Através da estratégia da repetição, o interlocutor demonstra à criança que compreendeu o enunciado por ela produzido, pelo que é considerada uma estratégia menos produtiva para negociar um contexto monolíngue. Esta estratégia possibilita, contudo, ao interlocutor informar a criança sobre a adequação do uso da língua ao contexto e facultar a tradução / equivalência de um vocábulo ou expressão na outra língua, preenchendo, desta forma, alguma lacuna existente.

Saber distinguir os contextos de uso das duas línguas em aquisição é um processo que envolve também compreender e interiorizar o significado de uma multiplicidade de reações e estratégias do interlocutor, que apoiam e orientam a criança na aquisição desses mesmos usos. Conforme refere De Houwer (2009: 134), é com base nas respostas do adulto – que expressam os seus desejos e as suas expectativas quanto ao uso das línguas, encorajando ou desencorajando o uso de uma língua em particular ou a mistura de ambas – que a criança estabelece os diferentes padrões de uso para cada uma delas. Através das estratégias de comunicação utilizadas, o interlocutor fornece o apoio para a construção do

conhecimento acerca do uso das duas línguas e o *input* metalinguístico necessário que permite distinguir os usos de ambas (cf. Lanza, 1997: 260).

Conclusão

O presente estudo centrou-se no desenvolvimento da consciência metalinguística na aquisição simultânea de duas línguas, designadamente do par português/neerlandês, tendo como objetivos centrais verificar em que medida a criança bilingue desenvolve uma consciência metalinguística que lhe permite distinguir os contextos de uso das duas línguas a que está exposta e averiguar se esta mesma consciência se manifesta também por outro tipo de atividades metalinguísticas.

Os resultados gerais demonstram que a criança em estudo revela capacidade para distinguir entre os contextos de uso do português e do neerlandês. Fazendo maioritariamente uma escolha linguística apropriada para interagir com o seu interlocutor, isto é, em 82% do total dos enunciados produzidos, parece-nos possível concluir que ela possui uma consciência metalinguística quanto ao uso contextualizado das duas línguas. De forma mais específica, verificamos também que os resultados referentes às escolhas da língua pela criança, em função dos vários contextos, indicam que a língua escolhida pela criança corresponde, na maioria dos casos, à língua falada pelo interlocutor, em 97% dos casos, no contexto monolíngue de português, e em 74%, nos contextos de neerlandês. Do mesmo modo, também as outras manifestações da atividade metalinguística da criança identificadas no *corpus*, como as autocorreções e as heterocorreções, a associação entre a língua e o interlocutor, e os comentários explícitos sobre o uso das línguas e sobre os respetivos interlocutores permitem concluir que a criança detém uma consciência metalinguística relativa ao uso de ambos os idiomas em aquisição.

Por outro lado, observou-se que a escolha aparentemente “inapropriada” da língua em 25% dos casos em NL não poderá ser interpretada apenas como a presença ou ausência de uma consciência metalinguística, porque a mesma é determinada por um conjunto de fatores. Assim, vimos, por exemplo, que o perfil linguístico dos interlocutores pode influenciar as escolhas linguísticas da criança. Esse perfil linguístico, aliado, frequentemente, à própria heterogeneidade das próprias situações de interação, implicam, por parte da criança, uma gestão da escolha da língua não apenas em função do interlocutor, mas também em função das próprias circunstâncias em que a interação ocorre (De Houwer, 2009: 145). Também a alternância de códigos poderá não ser o resultado da incapacidade de

diferenciação das duas línguas (Flores e Almeida, 2017: 288), podendo, conforme tivemos oportunidade de observar, ser motivada por uma lacuna lexical em um dos repertórios linguísticos, ou pela preferência de determinados vocábulos em um dos idiomas. Vimos, também, que a escolha de língua pela criança poderá ser determinada pelo seu próprio papel nas interações, o que significa que a mesma é influenciada conforme se trate da produção de uma iniciativa ou de uma resposta. Por fim, atentámos, ainda, ao papel do interlocutor nas escolhas linguísticas da criança. Verificamos que este falante, através de uma multiplicidade de estratégias, providencia o *input* metalinguístico necessário quanto à adequação, ou não, da alternância dos dois códigos linguísticos no mesmo enunciado ou interação, fornecendo orientação na distinção dos diferentes contextos de uso das duas línguas em aquisição. A grande percentagem de estratégias de discurso bilingues adotados pelo interlocutor (70%), nas situações em que a criança não respeita a língua de comunicação, evidenciam que este tende a orientar as interações para uma comunicação bilingue e revelam que o uso das duas línguas ou a mistura de ambas são permitidos.

Para terminar, e decorrente das limitações que fomos identificando ao longo da realização do estudo, e das questões secundárias que foram surgindo, às quais não nos foi possível responder, sobressai desta investigação a necessidade de aprofundar o estudo do desempenho linguístico da mesma criança em situações de presença de falantes bilingues, por forma a compreender melhor a relação entre a capacidade pragmática de distinção de usos das línguas e outros fenómenos, como a transferência interlinguística.

Referências

- Barbeiro, L. F. T. (1999). *Os Alunos e a Expressão. Escrita. Consciência Metalinguística e Expressão Escrita*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Batoréo, H. J. (1989). *A Categoria Linguística Aspecto no Discurso Conversacional de uma Criança Bilingue aos Cinco Anos de Idade* [Dissertação de Mestrado]. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa..
- Batoréo, H. J. (2000). *Expressão do Espaço no Português Europeu. Contributo Psicolinguístico para o Estudo da Linguagem e Cognição*. FCT e Fundação Calouste Gulbenkian.
- Batoréo, H. J. (2009). A(s)minha(s)língua(s): Bilinguismo e o direito à diversidade linguística. In: *Textos do Colóquio Direito, Língua e Cidadania Global* (pp. 141-148). Associação dos Professores de Português & International Academy of Linguistic Law, CD-ROM. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3199373> [Consult. 16 de novembro de 2020].

- Batoréo, H. J. (2011). Aquisição Bilingue: Teorias e Aplicações. In M. H. Mateus et al. *Bilinguismo e Educação Bilingue – Colóquio* (pp. 69-72). ILTEC / APP.
- Batoréo, H. J. (2013). Bilinguismo precoce e aquisição bilingue: O que sabemos da Aquisição Bilingue da Primeira Língua (BFLA)? *Cadernos de Saúde*, 6 (Especial. 2), 21-21.
- Caels, A. M. (2020). *Desenvolvimento da Consciência Metalinguística na Aquisição Bilingue de Português e Neerlandês – Estudo de Caso*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Aberta]. Repositório Aberto da Universidade Aberta. <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/10699>
- Clark, E. V. (1978). “Awareness of language: Some evidence from what children say and do”. In: *The Child's Conception of Language* (pp. 17-54). Springer-Verlag.
- Deuchar, M. & Quay, S. Q. (2000). *Bilingual acquisition: Theoretical implications of a case study*. Oxford University Press.
- De Houwer, A. (1990). *The acquisition of two languages from birth: A case study*. Cambridge University Press.
- De Houwer, A. (1995). Bilingual language acquisition. In: P. Fletcher & B. MacWhinney (Eds.), *The handbook of child language* (pp. 219-250). Blackwell.
- De Houwer, A. (1998). By way of introduction: Methods in studies of bilingual first language acquisition. *International Journal of Bilingualism*, 2, 249-263. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/254098709_By_Way_of_Introduction_Methods_in_Studies_of_Bilingual_First_Language_Acquisition [Consult. 29 de março de 2020].
- De Houwer, A. (2009). *An Introduction to Bilingual Development*. Multilingual Matters Tekstbooks.
- Donaldson, M. (1978). *Children's Minds*. Collins.
- Döpke, S. (1992). *One Parent, One Language: An Interactional Approach*. J. Benjamins Publishing Company.
- Flores, C. & Almeida, L. (2017). Bilinguismo. In M. J. Freitas & A. L. Santos (ed.) *Aquisição de Língua Materna e Não Materna. Questões Gerais e Dados do Português* (pp. 275-304). Language Science Press.
- Genesee, F. (1989). Early Bilingual Development: One Language or Two?. *Journal of Child Language*, 16, 161-175.
- Genesee, F.; Nicoladis, E. & Paradis, J. (1995). Language Differentiation in Early Bilingual Development. *Journal of Child Language*, 22, 611-631.
- Gombert, J. É. (1992). *Metalinguistic Development*. Harvester Wheatsheaf.
- Grosjean, F. (1982). *Live with Two Languages*. Harvard UP.

- Huerta, A. (1977). The acquisition of bilingualism: a code-switching approach. *Working papers in Sociolinguistic*, number 39. University of Texas. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED155916.pdf> [Consult. 25 de setembro de 2020].
- Lanza, E. (1997). *Language mixing in infant bilingualism: A sociolinguistic perspective*. Clarendon Press.
- Lindholm, K. & Padilla, A. (1978). Language mixing in bilingual children. *Journal of Child Language*, 327-335.
- Marshall, J. C. & Morton, J. (1978). On the mechanisms of EMMA. In A. Sinclair, R. J. Jarvella, & W. J. M. Levelt (Eds.), *The child's conception of language* (pp. 225-239). Springer-Verlag. Disponível em: https://pure.mpg.de/rest/items/item_61336/component/file_468242/content [Consult. 20 de janeiro de 2020]
- Martins, C. (2008). *Línguas em Contacto. "Saber Sobre" o que as Distingue*. Imprensa da Universidade de Coimbra. [Dissertação de Doutoramento]. Universidade de Coimbra.
- Mclaughlin, B. (1978). *Second-language acquisition in childhood*. Lawrence Erlbaum Associates.
- Meisel, J. (1989). Early Differentiation of Languages in Bilingual Children. In K. Hyltestam & L. K. Obler (orgs.), *Bilingualism Across the lifespan. Aspects of Acquisition, Maturity and Loss* (pp. 13-40). Cambridge University Press.
- Meisel, J. (2001). The simultaneous acquisition of two first languages: Early differentiation and subsequent development of grammars. In: J. Cenoz & F. Genesee (Eds.), *Trends in bilingual acquisition* (pp. 11-41). John Benjamins.
- Meisel, J. (2007). The Weaker Language in Early Child Bilingualism: Acquiring a First Language as a Second Language?, *Applied Psycholinguistics*, 28, 495-514.
- Mishina-Mori, S. (2004). Development of bilingual awareness in children acquiring two first languages. *Japan Journal of Multilingualism and Multiculturalism*, 10 (1), 1-17.
- Moreno-Zazo, M. (1998). Metalinguistic awareness in family bilinguals. *Studies in Psychology*, 19:60, 35-48.
- Padilla, A. & Lindholm, K. (1984). Child bilingualism: The same old issues revisited. In J. L. Martinez, Jr., & R. H. Mendoza (Eds.), *Chicano Psychology*, Second Edition. New York: Academic Pres. Reprinted in K. P. Monteiro (Ed) 1995. *Ethnicity and psychology: African-, Asian-, Latino-, and Native-American Psychologies* (pp. 194-227). Kendall/Hunt Publishing Company.
- Pinto, M. A. & Figueira, A. P. C. (2018). *Consciência Metalinguística: Teoria, desenvolvimento e instrumentos de avaliação*. Psiclínica.
- Pratt, C., & Grieve, R. (1984). The development of Metalinguistic Awareness: An introduction. In: W. E. Tunmer, et al. (eds.), *Metalinguistic Awareness in Children. Theory Research, and Implications* (pp. 2-11). Springer-Verlag.

- Radford, A.; Kupisch, T.; Köppe, R. & Azzaro, G. (2007). Concord, convergence and accommodation in bilingual children. *Bilingualism: Language and Cognition*, 10, 3, 239-256.
em: <https://pdfs.semanticscholar.org/3299/6b346f8ae7eba9987f3d6ef028e905494971.pdf> [Consult. 20 de out de 2020].
- Ramilo, M. C. & Freitas, T. (2001). Transcrição ortográfica de textos orais: problemas e perspectivas. In: I. M. Duarte, J. Barbosa, e T. H. Sérgio Matos, *Encontro Comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto* (Vol. 2, pp. 55-67). Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto.
- Sim-Sim, I. (1998), *Desenvolvimento da Linguagem*. Universidade Aberta.
- Slobin, D. I. (1978). A Case Study of Early Language Awareness. In: A. Sinclair; R. J. Jarvella; W. J. M. Levelt (orgs.), *The Child's Conception of Language* (pp. 45-54). Springer-Verlag.
- Taeschner, T. (1983). *The sun is feminine: A study on language acquisition in bilingual children*. Springer
- Titone, R. (1988). A Crucial Psycholinguistic Prerequisite to Reading. Children's Metalinguistic Awareness. *Revista Portuguesa de Educação*. 1(2), 61-72.
- Tunmer, W. & Herriman, M. L. (1984). The Development of Metalinguistic Awareness: A Conceptual Overview. In: W. E. Tunmer, et al. (eds.), *Metalinguistic Awareness in Children. Theory Research, and Implications* (pp. 12-35). Springer-Verlag.
- Valentin, R. (1984). The Development of Metalinguistic Abilities in Children Learning to Read and Write. In Downing, John e Valentin, Renate (Eds.). *Language Awareness and Learning to Read*. Springer-Verlag.
- Van Kleeck, A. (1982). The emergence of linguistic awareness: A cognitive framework. *Merrill Palmer Quarterly*, 28, 237-265. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/232596541_The_emergence_of_linguistic_awareness_A_cognitive_framework/citation/download [Consult. 20 de jan. de 2020].
- Vihman, M. M. (1985). Language Differentiation by the Bilingual Infant. *Journal of Child Language*, 12, 297-324.
- Volterra, V. & Taeschner, T. (1978). The acquisition and development of language by bilingual children. *Journal of Child Language*, 5, 311-326. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/296194110_113_Volterra_V_Taeschner_T_1978_The_acquisition_and_development_of_language_by_bilingual_children_Journal_of_Child_Language_5_pp_311326_Reprinted_2007_in_In_L_Wei_ed_The_bilingual_reader_301_-_320_Ne [Consult. 20 de março de 2018].